

## TRAÇOS DE IDENTIDADES EM UMA TECNOBIOGRAFIA\*

Natália Eliza Novais Alves (Universidade Federal de Minas Gerais)

**Resumo:** No presente trabalho abordarei o conceito de Identidade e a relevância da pesquisa narrativa (MOUTINHO; CONTI, 2017) para gerar compreensão sobre como nossas identidades são fragmentadas e modificadas durante nossa vivência e nossa experiência com a tecnologia. Para tanto, apresentarei uma tecnobiografia (história de vida em relação a tecnologias), analisando-a a partir do conceito de “identidades fragmentadas” proposto por Moita Lopes (2002). Tal metodologia foi proposta na atividade de conclusão da disciplina “Métodos de Pesquisa em Linguística Aplicada”, do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que ocorreu no primeiro semestre de 2020.

Palavras-chave: identidade; tecnologia; tecnobiografia; pesquisa narrativa.

### 1 Introdução

O conceito e o estudo acerca das identidades permeiam várias áreas do conhecimento, como a sociologia, antropologia, filosofia, psicologia social (BAUMAN, 2005; CIAMPA, 1994; FREIRE, 2006; HALL 2011; MOUTINHO, CONTI, 2017; TERÊNCIO, SOARES, 2003). De acordo com Hall (2011), as velhas identidades estão em declínio, fato que propicia o surgimento de novas identidades, “fragmentando o indivíduo moderno” (p.7) antes visto como um sujeito único. Tal afirmação é corroborada por Moita Lopes (2002), que considera que possuímos identidades fragmentadas, ou seja, nossas identidades sociais circundadas com a classe social, o gênero, as sexualidades, as raças, as nacionalidades etc, convivem simultaneamente nos indivíduos.

Barton e Lee (2015) descrevem tecnobiografia como:

A tecnobiografia é, resumidamente, uma história de vida em relação às tecnologias. Evidentemente, a própria noção é inspirada pela abordagem narrativa tradicional de entrevistas, em que um entrevistado conta uma história sobre determinados eventos significativos na vida. Entrevistas tecnobiográficas são, por natureza, altamente reflexivas. (BARTON, LEE, 2015, p.98-99)

Ou seja, utilizamos as tecnobiografias para narrarmos e refletirmos nossas experiências com as tecnologias.

Em relação às narrativas e à construção das identidades sociais, Moita Lopes (2002) declara que

[n]o processo de construção das identidades sociais, mediado pelo discurso, as narrativas, como formas de organizar o discurso através das quais agimos no mundo social, têm sido entendidas como desempenhando um papel central no modo como aprendemos a construir nossa identidade na vida social. Ou seja, as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos neste mundo. (MOITA LOPES, 2002, p. 63)

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente a relevância das narrativas como instrumentos de identificação e categorização de identidades. Afinal, quando narramos, podemos expressar as nossas percepções acerca das nossas vivências e das experiências que temos em nossos ambientes.. Essa abordagem vai ao encontro da proposta de Moutinho e Conti (2017):

---

\* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.



*“Quando me formei retornei à minha cidade natal (2007) e utilizei o meu primeiro salário para comprar um computador bom para minha família. Este computador funciona até hoje e trouxe muitas conquistas para todos da minha casa”.*

*“Meus pais aprenderam a usar a internet para fazer compras, conversar com pessoas, marcar consultas e copiar/ colar. Várias vezes tinha que explicar a mesma coisa e os meus pais esqueciam o que eu ensinava. Até hoje eu os ajudo nas ferramentas da internet”.*

Esses excertos elucidam a forma como acredito que as tecnologias digitais afetaram a rotina da minha família: os meus pais aprenderam a marcar consultas na internet e o primeiro bom computador possibilitou conquistas e é utilizado até hoje. Por conseguinte, o computador é associado a mudanças positivas. As afirmações de que “cheguei em casa feliz e empolgada” porque teria aulas de computação na escola e que, em 1997 quando meu pai comprou o primeiro computador, mesmo sendo de segunda mão, “foi a alegria da minha casa” demonstram essa relação mais uma vez.

Apesar de predominar um viés positivo sobre a relação com a tecnologia, na narrativa também é possível observar algumas mudanças negativas que percebo que as tecnologias trouxeram para a relação familiar, como no trecho “participo de vários grupos no Whatsapp os quais me divirto, **brigo, estresse, polemizo e alguma vez até saio. As brigas de família agora são brigas on-line**”. Assim, como evidencia esse trecho, as tecnologias digitais trouxeram polêmicas e situações de estresse na minha família, principalmente nas discussões de temas como: política, religião, esportes e assuntos pessoais. O fato de sair dos grupos de Whatsapp ilustra como o uso do aplicativo também traz consequências negativas nas relações familiares.

Em referência aos traços de identidades profissionais, Terêncio e Soares (2003) afirmam que:

As identidades profissionais se tornaram cambiantes. Seja isso positivo ou não para as pessoas, o fato é que os jovens que hoje buscam ingressar no mercado de trabalho precisam desenvolver essa característica, qual seja: uma identidade profissional bem-definida, mas, ao mesmo tempo, fluida, capaz de se transformar com o rápido passar do tempo, ou ainda tornar-se múltipla, ou seja, duas, três ou mais identidades profissionais convivendo diariamente em diferentes contextos de trabalho, de preferência com o mínimo de conflitos entre si. (TERÊNCIO E SOARES, 2003, p.144)

Ou seja, é preciso reinventar-se constantemente em busca de adaptações pela necessidade de mudanças e transformações em nossas vidas profissionais. Estas mudanças estão presentes na minha vida profissional como professora de língua inglesa, como explanado nos excertos: *“Na minha prática pedagógica utilizo vários sites e jogos em sala de aula. Os livros didáticos agora têm versão on-line e o quadro também é digital”*; *“já trabalhei em escolas na quais era proibido o uso de celular em sala de aula e tentei convencer a coordenação da importância do mesmo para motivar e facilitar o ensino e aprendizagem de língua inglesa”*; *“também tenho alunos particulares on-line e neste momento de pandemia no qual todas as minhas aulas estão sendo on-line me sinto privilegiada de já ter experiências com aulas remotas”*.

Estes excertos exemplificam como as tecnologias digitais são utilizadas em minha prática em sala de aula e as transformações que Terêncio e Soares (2003) ressaltam no trecho acima. Os livros e os quadros das salas de aula são digitais e eu me sinto privilegiada em já ter tido experiências com aulas remotas anteriores a este momento de pandemia em que todos os professores foram obrigados a trabalhar on-line. A atitude de convencer a coordenação da relevância do uso do celular em sala de aula exemplifica uma atitude em tentar convencer colegas de trabalho da relevância de mudanças em meio ao mundo digital.

Sobre esse assunto, Ciampa (1994, p.60), percebe que “identidade também é metamorfose, ou seja, a identidade de todo e qualquer indivíduo está em constante transformação; não é produto pronto e acabado, mas uma produção constante e aberta para o futuro”. Na comparação entre identidades e metamorfose, palavra formada por “meta” (mudar) e “mórfon” (forma), temos a compreensão de metamorfose como mudança e transformação dos indivíduos. Tal definição exemplifica a transformação das pessoas de acordo com suas experiências na sociedade. Diante disso, fiz um quadro comparativo relatando as mudanças na minha prática em relação ao uso de tecnologias:



Figura 2: Mudanças nos usos de tecnologias. Fonte: Elaborado pela autora.

Estas práticas vão ao encontro da perspectiva de Ciampa (1994) da identidade como metamorfose, pois as mudanças nos usos fazem com que a minha identidade em relação ao uso da tecnologia e com as pessoas se modifique com o passar do tempo.

Para Bauman (2005), a essência da identidade é construída de acordo com os vínculos que conectam as pessoas entre si. O autor ressalta que “o habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. [...] Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se.” (BAUMAN, 2005, p. 53). Este espaço de batalha seria um lugar de conflitos das pessoas no sentido de romperem e/ou fragmentarem suas identidades a partir do momento em que convivem e lidam com outros seres de experiências distintas.

Infiro que as medidas de enfrentamento à pandemia de Covid-19 podem ser consideradas o tumulto de que Bauman (2005) trata. Na minha tecnobiografia, é possível identificar traços de mudanças no meu comportamento e no de outras pessoas ao terem se percebido obrigadas a se isolarem em casa. Uma das consequências desse processo é a alteração em diversos fatores das nossas identidades devido à mudança em nossa rotina e à nossa busca por nos readaptarmos às novas exigências sociais.



Figura 3: Hábitos mediante a pandemia. Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 3, busquei evidenciar como a pandemia de Covid-19 alterou as minhas atividades sociais e meus hábitos rotineiros. Na narrativa, afirmo que essas mudanças me preocupam, visto que não sabemos como será a fase pós- pandemia: “*confesso que **tenho muito medo em relação à tecnologia em nossas vidas, principalmente após esta pandemia. Eu faço parte de uma geração que se acostumou com a tecnologia, mas que viveu muitos anos sem ela***”; “*como serão as salas de aula do futuro? Será que a realidade virtual criará **professores e alunos virtuais**? Ainda teremos escolas físicas? Os lápis serão substituídos por teclas? Será possível aprender um idioma somente com um chip implantado em nosso cérebro? Continuaremos a ter “lives” dos cantores?*”. O medo relatado parece condizer aos questionamentos feitos e à inferência de que ainda estamos no “campo de batalha” de que fala Bauman (2005). As incertezas do futuro fazem com que eu fique apreensiva e amedrontada pela incerteza dos resultados gerados.

### 3 Conclusão

Devido ao uso demasiado das tecnologias digitais em nossa vida, a pesquisa narrativa torna-se uma grande aliada na busca de compreensão e construção (e/ou reconstrução) de nossas identidades, pois quando contamos e relatamos nossa vivências acionamos memórias antigas que nos fazem reviver e recordar fatos que muitas vezes estavam aparentemente esquecidos.

Escrever e explorar a minha própria narrativa foi uma autoanálise de como as tecnologias afetaram e ainda afetam as minhas múltiplas identidades, seja como aluna, filha ou professora.

### 4 Referências bibliográficas

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem Online: Textos e Práticas Digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BARKHUIZEN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. **Narrative inquiry in language teaching and learning research**. New York: Routledge, 2014, p. 72-93.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: S. T. Lane & W. Godo (Orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 58-75.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002, p.63-81.

MOUTINHO, K., CONTI, L. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2017, p. 1-8.

TERÊNCIO, M.G. SOARES, D.H.P. I **A internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, n.2, 2003, p. 139-145.

## **Anexo 01**

### **Minha experiência com as Tecnologias Digitais**

**Natália Eliza Novais Alves (36 anos)**

O ano era 1995 eu tinha 11 anos e estava na minha aula de datilografia quando a professora entrou e falou que as máquinas de escrever seriam substituídas pelos computadores. Me lembro que cheguei em casa toda feliz e empolgada contando para os meus pais que eu teria aulas de computação. Me recordo da primeira vez que liguei o computador e usei o mouse, foi emocionante ver como funcionava o Word e que não seria necessário digitar tudo de novo quando errava uma palavra (o que acontecia nas aulas de datilografia) e o DOS (meu Deus eu fiz curso do DOS).

Daquele dia em diante comecei a me familiarizar com o computador até que em 1997 o meu pai comprou um (bem velhinho) e foi a alegria da minha casa. Eu utilizava muito CD-roms para pesquisas e trabalhos escolares, adorávamos (meus irmãos e eu) jogar paciência e show do milhão. Ensinamos minha mãe a jogar e teve um dia que ela ficou em casa jogando o dia inteiro, pois estava sozinha e não sabia desligar o computador.

A internet demorou a chegar na minha casa então eu ia para casa de amigos para dormir e esperava chegar meia-noite (era mais barato, visto que a internet era discada) para entrar nas salas de bate-papo e conhecer outras pessoas. Neste tempo criei meu primeiro e-mail que era do BOL e conseguia falar com meus amigos de outras cidades. As cartas enormes que eu escrevia foram substituídas pelos e-mails.

2003 entrei na Universidade e saí em 2007 sem ter nenhum computador. Eu usava os computadores dos laboratórios da universidade e das minhas amigas de república. Salvava todos os meus arquivos em disquetes e Cds. Nos meus anos universitários tive muito contato com as novas tecnologias, me lembro o rebuliço quando minha amiga de república ganhou um laptop, foi uma festa na nossa casa. Eu morava com duas meninas que faziam jornalismo e elas levaram para a casa uma máquina digital da universidade que tinha 2MP e era necessário colocar um disquete dentro para tirar somente 4 fotos. As fotos ficavam vermelhas, era uma péssima resolução, mas adorávamos e compramos muitos disquetes para poder tirar fotos.

Na universidade também ganhei o meu primeiro celular, mas praticamente não usava por ser muito caro fazer ligações e ele não mandava mensagens, só recebia. Comecei a usar redes sociais como ICQ, MSN e Orkut. Com certeza o Orkut mudou a minha geração, reencontrei amigos de infância e fiz amizades nas comunidades com as pessoas que tinham os mesmos interesses que eu.

Quando me formei retornei à minha cidade natal (2007) e utilizei o meu primeiro salário para comprar um computador bom para minha família. Este computador funciona até hoje e trouxe muitas conquistas para todos da minha casa. Meus pais aprenderam a usar a internet para fazer compras, conversar com pessoas, marcar consultas e copiar/ colar. Várias vezes tinha que explicar a mesma coisa e os meus pais esqueciam o que eu ensinava. Até hoje eu os ajudo nas ferramentas da internet.

No meu ponto de vista a tecnologia digital que transformou a minha vida e da minha família e de tantas outras pessoas foi o *smartphone*. O uso de aplicativos de celulares mudou a nossa forma de interagir com os outros, comprar, estudar e até mesmo namorar. Já usei muitos aplicativos de namoro e conheci pessoas interessantes, assim como guardei os meus inúmeros dicionários de papel (que paguei muito caro) e comecei a usar tradutores on-lines e de aplicativos. Parei de ir ao banco para fazer transferências e pagar contas, diminuí muito a quantidade de papel que imprimia de passagens e tickets e passei a mostrar somente no celular.

Atualmente utilizo bastante as redes sociais tais como: twitter, facebook e instagram. Participo de vários grupos no whatsapp os quais me diverto, brigo, estresso, polemizo e alguma vezes até saio. As brigas de família agora são brigas on-line, discutimos política, religião, esportes e problemas pessoais. Na minha prática pedagógica utilizo vários sites e jogos em sala de aula. Os livros didáticos agora têm versão on-line e o quadro também é digital. Já trabalhei em escolas na quais era proibido o uso de celular em sala de aula e tentei convencer a coordenação da importância do mesmo para motivar e facilitar o ensino e aprendizagem de língua inglesa. Também tenho alunos particulares on-line e neste momento de pandemia no qual todas as minhas aulas estão sendo on-line me sinto privilegiada de já ter experiências com aulas remotas.

Acordo e durmo com o celular ao meu lado. Me preocupo com a quantidade de tempo que passo on-line. Não escrevo mais e sim digito, não mando mais cartas e sim e-mails e mensagens. Quase não utilizo o celular para fazer e receber ligações, as ligações foram substituídas por mensagens de voz. Não utilizo câmeras para tirar fotos e muito menos tenho álbuns de papel, tiro fotos no celular e armazeno no meu álbum on-line. Não leio livros de papel e sim e-books, não tiro mais xerox dos textos para as aulas e sim utilizo os arquivos em pdf no meu computador ou no kindle. Não uso mais disquetes, Cds ou pen-drives para armazenar meus arquivos, salvo tudo no drive. Não compro mais fitas, Lps, cds e muito menos faço downloads de música, uso aplicativos como youtube e spotify para ouvir músicas.

Uma frase bem conhecida nas redes sociais é: “a internet aproximou quem estava longe e distanciou quem estava perto”, concordo plenamente com esta afirmação. Não vemos mais crianças brincando nas festas e/ou correndo como antigamente, a maioria está no celular ou tablets. As pessoas se conhecem mais on-line do que frente a frente, temos milhares de amigos e seguidores on-line e muitas vezes ninguém para desabafar e pedir conselhos pessoalmente.

Confesso que tenho muito medo em relação à tecnologia em nossas vidas, principalmente após esta pandemia. Eu faço parte de uma geração que se acostumou com a tecnologia, mas que viveu muitos anos sem ela. Como serão as salas de aula do futuro? Será que a realidade virtual criará professores e alunos virtuais? Ainda teremos escolas físicas? Os lápis serão substituídos por teclas? Será possível aprender um idioma somente com um chip implantado em nosso cérebro? Continuaremos a ter “lives” dos cantores ou shows ao vivo em lugares abertos?

É preciso ter um equilíbrio entre usar ou não tecnologias. Não podemos ser escravos de programas, aplicativos e ferramentas virtuais. É necessária uma reflexão e/ ou estudos que pesquisem os impactos desta nova geração tecnológica no futuro.

Aqui estão algumas perguntas que podem te ajudar na escrita de sua narrativa. Use o que achar adequado.

1. Como foi seu primeiro contato com tecnologia digital? Quantos anos você tinha?
2. Que pessoa(s) foi/foram importantes no seu processo de aprendizagem.
3. Houve algum lugar especial que te motivou a usar tecnologia
4. O que você já fez com tecnologia e que não faz mais?
5. O que você mais visita na Internet? Como você usa a tecnologia para estudar? Você já vivenciou alguma proibição em relação ao uso de alguma tecnologia.
6. Você participa de redes sociais? Se sim, como é sua participação. Se não, por quê? Você já fez uploads de imagens e vídeos para receber comentários? Se sim onde?
7. Pense no dia de ontem, qual ou quais tecnologia(s) você usou logo depois de acordar? Que tecnologia(s) você usou ao longo do dia.
8. Que diferenças no uso de tecnologia você percebe em relação às gerações mais velhas (pais, avós, conhecidos).
9. Quais são os seus sentimentos em relação à tecnologia? Quais foram as experiências mais positivas e mais negativas?
10. O que você ainda espera aprender a fazer com tecnologia digital?